

Entre a diversão e a doutrinação: as festas na Hispano-América Colonial

MARIA CRISTINA BOHN MARTINS*

Resumo: O presente artigo analisa o lugar e o papel da festa na Hispano-América. Assim como na metrópole, as festas do mundo colonial mesclaram sagrado e profano e exaltaram os poderes do Estado e da Igreja. No Novo Mundo, porém, elas, juntamente com o teatro religioso, tiveram um importante papel a cumprir como instrumento de doutrinação e evangelização das populações indígenas.

Abstract: This article analyzes the site and role of festival in Hispano-American society. In Iberia, these are related to the blending of the sacred and the profane in the popular culture tradition; in the New World, to the instruments of catechesis and indoctrination.

Palavras-chave: Festa. América Colonial. Catequese.

Key words: Festival. Colonial America. Catechesis.

A Espanha da Época Moderna vivenciou um período em que as festas estiveram firmemente ancoradas no gosto e na cultura popular.¹

Populares ou palacianas, religiosas (como a celebração de Corpus, da Semana Santa, as romarias) ou profanas (como o car-

* Professora do Curso de História da Unisinos. Mestre em História pela mesma universidade, doutoranda na PUCRS.

¹ Lembramos que, como bem avaliou Peter Burke, a noção de "cultura popular" é reconhecidamente problemática, não apenas porque sinaliza uma falsa impressão de homogeneidade, como também porque pressupõe uma clivagem (cultura de elite x cultura popular) que nem sempre considera as possíveis formas de comunicação entre os dois termos deste "sistema binário". BURKE, Peter. *Cultura popular na Idade Moderna. Europa, 1500-1800*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. Ginzburg também avalia a dificuldade dos historiadores que, "só se aproximaram muito recentemente - e com certa desconfiança - destes tipos de problemas" de definir "cultura popular". GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes. O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Cia das Letras, 1987.

naval e as touradas), as festas fizeram parte do cotidiano da vida social, catalisaram esforços e devoções, estimularam a criação e atuação de irmandades e confrarias, ocuparam os Grêmios e poderes municipais, criaram redes de sociabilidade, distraíram e alegraram a população, enalteceraam o poder da Monarquia e da Igreja.

Algumas análises percebem nas festas das sociedades renascentistas-barrocas um importante instrumento para preservar a ordem estabelecida dentro de uma sociedade fortemente estratificada (como no caso da espanhola). A alegria coletiva atua, nestas oportunidades, como uma válvula de escape aos impulsos e tensões contidos pelas multidões.

Um cotidiano pobre, desbotado e aborrecido pode, pela festa, ser transformado em favor do extraordinário, do corte momentâneo no calendário da rotina.

Sob este aspecto, se num primeiro momento poder-se-ia pensar que as festas proporcionavam elementos desvirtuadores da ordem estabelecida e, por isto, da tranqüilidade social, elas, de fato, constituíam uma forma eficaz de manter a sociedade sujeita aos códigos instituídos pelos poderes dominantes. Eram, desta forma, “uma forma eficaz e acertada de manter, sujeita a un código inflexible, a cierta sociedad estratificada de manera precisa”.²

Dentro de uma situação de aparente desordem popular, os indivíduos estavam aprisionados por normas rigorosas, não escritas, quase rituais, manejadas pelas autoridades de onde elas emanavam.

Uma das características mais marcantes da experiência festiva hispânica e americana reside no fato de ela comportar, simultaneamente, momentos e manifestações de caráter religioso e profano.

Em muitas delas, como certas romarias e festividades noturnas, o religioso servia de pretexto para o prazer mundano, com o álcool correndo solto, assim como os galanteios e as aventuras amorosas. Autos sacramentais eram acompanhados de certames poéticos e exibição de fogos, mesclando elementos religiosos e profanos.

Mesmo *Corpus Christi*, de todas as festas religiosas à época a mais importante, tinha as cerimônias sacras acompanhadas por por diversos elementos profanos, em que “los regocijos, comedias,

² LÓPEZ CANTOS, Ángel. *Juegos, fiestas y diversiones en la América Española*. Madrid: MAPFRE, 1992, p. 20.

danzas, arcos triunfales e altares contribuían a hacer de la jornada un día de alegría, julgeria, diversión”.³

Corpus é uma celebração católica tradicional e obrigatória para os crentes nesta fé, quando se celebra a instituição da *Eucaristia*, ato ritual realizado pela primeira vez por Jesus Cristo durante a Paixão. Sua cerimônia constitui-se em uma das mais importantes da cristandade, desde seus inícios no século XIII.⁴

Embora procedente da Baixa Idade Média, a festa toma um auge inusitado desde o século XVI, graças ao impulso que lhe é dado pela Contra Reforma: na Espanha o festival eucarístico não apenas pretendeu representar a afirmação da cristandade na sua luta contra os mouros, como também a pública manifestação de resistência à expansão das Igrejas Reformadas.

Como a festa era revestida de especial solenidade, os Conselhos municipais estavam encarregados, não apenas de organizar os atos que lhe assistiam corporativamente, como de conferir-lhes o maior esplendor possível.

Parte indispensável da celebração era a representação de autos sacramentais sobre tablados improvisados em algum ponto do trajeto da procissão, ou mesmo de carros triunfais que arrastavam um cenário móvel que acompanhava a procissão.

O cortejo era acompanhado pela “tarasca”, “una serpiente sobre ruedas de tamaño enorme, con el cuerpo lleno de escamas, [...] una larga cola, con ojos espantosos y fauces abiertas, de donde salen tres lenguas y dientes pontegudos”, que, como símbolo do mal, em algum lugar da procissão sustentava e perdia um combate com um personagem representando as forças do bem.⁵

O centro das celebrações do Dia do Senhor era o momento da procissão, em que se expunha o Santíssimo Sacramento à veneração dos fiéis, e, para que se tivesse assegurado seu colorido e aparato, as municipalidades não poupavam esforços, mesmo quando as dificuldades econômicas não o aconselhassem. Conjuntos profanos acompanhavam a procissão, o que fazia dela uma manifestação também folclórica e lúdica.

³ CORONAS TEJADAS, Luis. P. Fiestas en Jaen en el siglo XVII. In: SANTOS, Maria Helena Carvalho dos (org.). *A festa*. Comunicações Apresentadas no VIII Congresso Internacional A Festa. Lisboa: Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII, 18-22 de novembro de 1992, p. 45-68, 54.

⁴ Instituída a partir da Bula *Tramitorium de hoc mundo*, por Urbano IV em 1264.

⁵ CALVO, José. *Así vivían en el siglo de oro*. Madrid: Anaya, 1996 (Vida Cotidiana), p. 72.

Num constante jogo de oposições, portanto, ora as festas afirmam a perenidade das instituições do poder, ora são o suporte da criatividade da comunidade.⁶

Outro momento de solene festividade no calendário cristão era a Semana Santa, quando, nas cidades, vilas ou aldeias, a comemoração da Paixão de Cristo levava a população às ruas para manifestar em procissões seus sentimentos religiosos.

Iniciando com um dia de alegria, o Domingo de Ramos, ela termina com outro, solene e de esperança para os cristãos, o Domingo da Ressurreição. Os dias compreendidos entre eles são considerados pela liturgia católica tempo de penitência e recolhimento, dias tristes em que se rememora a Paixão e morte de Jesus Cristo.

Procissões diversas ocupavam um lugar de destaque no conjunto das festividades religiosas, levando a multidão de devotos – vestida com seus melhores trajes e entoando cantos litúrgicos – a alinhar-se atrás da imagem venerada, em cortejos onde se sobressaíam religiosos e outras autoridades, os Grêmios com seus estandartes, as irmandades com suas bandeiras e distintivos. Em algumas cidades, o seu término era seguido de representações de autos sacramentais.

Mas se eram freqüentes as demonstrações de recolhimento ou fervor religioso (observáveis, por exemplo, entre os penitentes que se submetiam à autoflagelação através de açoites), podia-se também acompanhar a presença de elementos profanos, como a da multidão de ambulantes, vendendo pão, pastéis ou refrescos nas portas dos templos, ou de mulheres especialmente enfeitadas e aproveitando a oportunidade de movimentarem-se mais livremente que lhes brindava este tipo de acontecimento.

O traslado de relíquias de santos, assim como cerimônias de beatificação ou canonização, os funerais da família real, de príncipes da Igreja ou de grandes dignitários do Estado também tomavam caráter de festividade litúrgica, com suas orações fúnebres, hinos e poesias laudatórias.

Este complexo mundo das festas e diversões típicas da sociedade ibérica chegou à América, junto com os cavalos e as armas de fogo, na bagagem dos primeiros conquistadores e povoadores: Cortéz, uma vez tendo conquistado Tabasco, e às vésperas de marchar para Tenochtitlán, dispôs que fosse celebrada uma solene procissão no Domingo de Ramos.⁷

⁶ DEL PRIORI, Mary. *Festas e utopias no Brasil Colonial*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 10.

⁷ Apud López Cantos, op. cit., p. 93.

“Não se levam para a diáspora todos os seus pertences”⁸, lembra Manuela Carneiro da Cunha; busca-se o que é operativo, o que é diacrítico. As festas eram-no para o espanhol moderno.

Porém, se num primeiro momento, os indivíduos mesmos procuravam assim manter os vínculos com o mundo que deixavam para trás, logo suas iniciativas serão tuteladas pelos poderes metropolitanos, não apenas como forma de reforçar e sustentar normas e valores vigentes na sociedade europeia, mas ainda com manifestos propósitos de aculturação.

Nos amplos espaços do Novo Mundo, na distância das terras além-mar, em meio à barbárie, ao paganismo e até à idolatria, era preciso valer-se de todos os expedientes possíveis para reforçar os laços com o mundo metropolitano, com a Monarquia e com a Santa Igreja.

“Desde el momento en que se asientan en un lugar o comarca, la administración central comenzará a mediatizarlos y así con los colonos que van arribando. Los organizará en núcleos al estilo de Castilla. En ellos, como un espejo, reflejarán la vida que habían dejado con sus usos, rutinas, hábitos, vicios y experiencias. [...]”

El poder usará su influencia y reproducirá tales actividades con la finalidad de conseguir idénticos propósitos. Para ello echará mano a los recursos ya consagrados. Las diversiones colectivas estaban dentro de sus planes. Y, así, desde el instante que colocaban la primera piedra de una fundación, la diversión pública quedaba servida de manera copiosa con las fiestas del patrón, las que la religión tenía establecidas desde el tiempo inmemorial y las que el propio poder engendrara.”⁹

Paralelamente, para a catequese das populações indígenas, elas, juntamente com o teatro, são um importante recurso pedagógico, aliando-se à pregação, e facilitando o ensino e a introjeção da doutrina e dos valores cristãos.

De fato, podemos classificar de barrocas as festas dos séculos XVII e XVIII, entendendo-as assim na perspectiva de celebrações que tiveram sua centralidade na exaltação do poder, seja do Estado, seja da Igreja, visando, portanto, fins políticos muito concretos e precisos. Para atingi-los, no entanto, precisava-se do concurso do povo: público para quem a encenação era dirigida.

⁸ CUNHA, Manuela Carneiro. *Etnicidade: da cultura residual mas irreductível*. In: *Antropologia do Brasil. Mito. História. Etnicidade*. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 101.

⁹ López Cantos, op. cit., p. 17.

Daí a sua assumida dimensão de espetáculo, mais ainda, de espetáculo marcado pela magnificência, destinado a deslumbrar e seduzir pelos sentidos: fogos de artifício em profusão, luminárias enfeitando a noite, salvas de canhão, música, desfiles, coreografias e carros alegóricos são elementos importantes e imprescindíveis destes momentos, mesmo que representem um esforço quase demasiado para as comunidades mais pobres.

Irmandades, Confrarias, Grêmios e Ayuntamientos mobilizavam-se para angariar fundos suficientes para os festejos. Nas festas civis, costumava o poder municipal confiar aos Grêmios a organização dos festejos: uns erigiam arcos, outros organizavam desfiles, músicas e mascaradas. Adornavam-se e iluminavam-se as ruas e edifícios particulares e até, por vezes, dotavam-se as fontes das praças de dispositivos para servir vinho ao povo.

A motivá-las encontramos os nascimentos e bodas reais, as freqüentes canonizações e beatificações, as vitórias dos exércitos, a comemoração do dia do padroeiro da cidade ou de um santo de especial devoção, o alívio de alguma peste, as feiras, as festas locais e gremiais.

Na América Espanhola, tanto quanto na Europa, cerimônias religiosas e cívicas, multiplicavam-se para satisfazer uma demanda crescente por espetáculos característica dos séculos XVII e XVIII. E as ocasiões propícias para festivais recreativos prosperavam em momentos de diversão, tanto públicas quanto privadas.

Especialmente na cidades e povoados maiores, o bulício das ruas e as celebrações, oficiais ou populares ocupavam um espaço importante, marcando oportunidades de suspensão à rotina diária.

Segundo Luiz Ricardo Centurião, a cidade colonial, e de forma especial as capitais vice-reinais, centros do poder colonial, atuavam como “sedes de um mundo cortesão, que se esmerava na exibição da vida como espetáculo, na teatralização, no cerimonialismo e no artificioso do mundo barroco, expressão aparatosa do Estado Absolutista”,¹⁰ privilegiavam a mistura e o intercâmbio cultural, e um estilo de vida que combinava o religioso e o festivo, bem ao gosto da cultura popular ibero-americana.

Apesar do maior fausto e imponência dos festejos nas cidades maiores ou mais importantes, eles não foram exclusividade delas, pois que estiveram – à margem da maior ou menor impor-

¹⁰ CENTURIÃO, Luiz R. M. *A cidade colonial no Brasil*. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1997 (tese de doutorado), p. 164-165.

tância da população, riqueza, situação geográfica ou administrativa – em qualquer núcleo urbano das Índias.

Waldemar Smith (1981) apontou como mesmo pobres e pequenos povoados indígenas foram integrados a um “sistema de festas” politicamente útil ao sistema colonial, uma vez que, ao mesmo tempo em que proporcionava aos indígenas satisfações de índole pessoal, estimulava a criação de interesses e organizações estritamente locais.¹¹

As jornadas festivas no Novo Mundo também estiveram conformadas por dois elementos básicos, um religioso e outro civil, e ambos tão estreitamente ligados, que nenhuma comemoração de importância ocorria sem a presença de qualquer um deles. A tal ponto que, as vezes, “resulta imposible distinguir cuándo se trata de una o de otra”.¹²

Segundo o já citado trabalho de López Cantos (1992), embora também aqui os momentos festivos fossem, na sua origem, sacros ou profanos, e possamos formalmente reconhecer a existência, de festas civis (*súbitas* ou *repentinias*, na qualificação do autor), e outras estabelecidas pela autoridade eclesiástica (*solenes*), de fato, a sua análise evidencia a estreita relação entre elas. Para o autor, desta forma, “lo lúdico y lo religioso componían una entidad a prueba de divorcio”¹³.

Nas Atas Capitulares de Buenos Aires de 6 de abril de 1616, por exemplo, lê-se que “en este cavildo se acordo que atento a que esta proximo el dia del Señor San Martin Padroeiro desta ciudad se honrrre su fiesta con fiestas de toros y cañas como es costumbre y quedo a cargo de los Diputados el prevenir y dar horden en este”.¹⁴

Assim como na Espanha, mesmo a festa de *Corpus*, que aqui também figurava entre as de maior significação religiosa, abria espaço para manifestações lúdicas:

“Acordese que a la fiesta del Santisimo Sacramento que esta de proximo se acuda a ella por parte desta çiudad para que se haga como es de costumbre y se adereçe la yglesia y hagan algunas danças y acudan a esto los Diputados y que el Mayordomo de la çiudad

¹¹ SMITH, Waldemar R. *El sistema de fiestas y el cambio económico*. México: Fondo de Cultura Económica, 1981.

¹² López Cantos, op. cit., p. 47.

¹³ Idem, p. 22-23.

¹⁴ ACTAS DEL CABILDO DE BUENOS AIRES, *Cabildo del 6 de abril de 1616*, op. cit., p. 324.

conpre la çera y ramas para la fiesta y que despues trayga la memoria y se le dara librança por lo que montare.”¹⁵

Aliás, assim como nesta sessão, são freqüentes as determinações do poder municipal no sentido de que coubesse aos moradores a aquisição de cera com a qual seriam confeccionadas as velas para iluminar a noite festiva; como também prover os fundos para obter-se os fogos, a pólvora para as salvas, os animais para as corridas de touro ou organizar a construção dos espaços apropriados para os festejos populares.¹⁶

Ao lado desta simbiose também evidente quanto às festas peninsulares, faz-se outra estreita vinculação presente nas celebrações hispano-americanas: aquela estabelecida entre poderes civil e eclesiástico com o ato de hastear o pendão real configurando parte importante das festas de padroeiro, por exemplo, ou com a indefectível presença da parada cívico-militar nas procissões das festas religiosas.

As primeiras, festas civis, constituem uma clara mostra da intervenção direta da autoridade real, na forma de seus representantes na América: são eles que organizam e dirigem este tipo de evento. Constituem-se nos verdadeiros protagonistas, secundados pela “gente de distinção”, os brancos que ocupavam, ou não tinham nenhum impedimento social para desempenhar cargos públicos. A gente comum, por seu lado, criava, paralelamente a estes eventos, nos espaços possíveis, suas próprias manifestações festivas, como as corridas de mascarados a cavalos, bailes e tertúlias.

As distrações de caráter profano estavam também presentes nas festas solenes, porém sempre mediatizadas pelas autoridades eclesiástica e civil, que ditavam as normas de comportamento aceitáveis, determinando, por exemplo, que fossem fechadas as casas de jogo ou bares pelas ruas em que desfilaria determinada procissão, ou ainda que fossem afastados os grupos de mascarados das cercanias do templo em que se estava levando a cabo algum ofício religioso.

Em conjunto as comemorações oficiais, da Igreja ou da Monarquia, gozavam de um importante denominador comum, eram

¹⁵ Idem, *Cabildo del 22 se mayo de 1617*, op. cit., p. 427.

¹⁶ “Quedo a cargo de los Diputados de este Cavildo el haçer que se hagan los tablados para la fiesta de toros y cañas para el dia del Señor San Martín Patron de esta çuidad y todo lo demas que fuere neçesario como se acostumbra”. ACTAS DEL CABILDO DE BUENOS AIRES, *Cabildo del 19 de octubre de 1616*, op. cit., p. 374.

“un recordatorio colectivo a la conciencia religiosa de la sociedad. Esparcimiento y adoctrinación vivían íntimamente ligados”.¹⁷

Desta forma, se as festividades eram uma válvula de escape, favorecendo a alegria coletiva, não deixaram de constituir-se em um importante instrumento de controle social: “la risa, la alegría y hasta la locura colectiva hacían olvidar situaciones insoportables e incómodas que casi sufrían constantemente y, al mismo tiempo, los momentos de expansión constituían puntos de referencia de supuestos religiosos”.¹⁸

O centro de todas as comemorações civis é a Monarquia, e todas as festas terminavam com a saudação do Rei. À falta da sua presença física, pintava-se um retrato que, enfeitado por dosséis, desfilava pelas ruas principais da cidade, ajudando a lembrar ao povo que, além-mar, existia uma instituição, a Monarquia, para ser acatada e respeitada.

As autoridades indianas, desempenhando o papel de representantes diretos da Realeza, presidiam as festividades cívicas e religiosas luzindo suas melhores roupas e exibindo as mais belas montarias em desfiles abrilhantados pelos “carros triunfais”, fogos de artifício, luminárias e repique de sinos. Ante o olhar admirado da gente comum, podiam arrojá-las, às vezes, moedas para a multidão de espectadores, expondo, de maneira quase que gráfica, o poder e a grandeza da instituição que representavam.

Os festejos costumavam envolver, ainda, rituais de comensalidade entre as pessoas importantes, uma constante, segundo López Cantos (1992), em todos os lugares da Colônia, em que, sendo a participação reduzida a um grupo seleta, disparavam-se salvas a cada brinde, a fim de manter o caráter de espetáculo com destinatário certo.

Segundo o mesmo autor, a “configuração ideal” de uma festa na Hispano-América começa, antecedendo ao evento propriamente dito, com os pregoeiros do *cabildo* recordando aos moradores a data que se aproxima e a obrigação de limpar, adornar e iluminar ruas e casas para esperá-la.

No dia anterior ao assinalado para o evento, ocorria a reunião das autoridades religiosas e do *cabildo* eclesiástico no templo mais importante, a fim de receber a primeira autoridade militar que chegava acompanhada das forças regulares ou milícias urbanas, e pelos componentes do *cabildo* secular. Representando a união

¹⁷ López Cantos, op. cit., p. 23.

¹⁸ Idem, p. 24.

entre Igreja e Estado, o encontro das duas comitivas seguia igreja a dentro ao repicar dos sinos de todos os templos.

Enquanto a gente importante assistia ao ofício, a população comum divertia-se com as brincadeiras dos mascarados pelas ruas. Com o término deste, os cortejos desfilavam até a “plaza mayor” onde o alferes real, ou o regedor mais antigo, anunciava para a multidão, que esperava, então em silêncio respeitoso, o início das comemorações, ato repetido, depois, em uma a uma das outras praças importantes da cidade.

A exteriorização da alegria ficava por conta da algazarra entre os espectadores do desfile, das salvas de armas de fogo, dos fogos e das luminárias que enfeitavam a noite e que terminava com as autoridades e demais pessoas importantes reunidas para a ceia, ou mesmo um refrigerio e um sarau, enquanto que a maioria da população participava das brincadeiras em bailes ou com os ginetes mascarados.

A “mascarada”, um desfile pelas ruas, à noite ou de dia, a pé ou a cavalo, de pessoas disfarçadas com indumentárias especiais e portando máscaras peculiares, era o espetáculo público mais típico. Personificadas em variações que iam do exótico, do ridículo ao grotesco, do sublime ou sagrado ao satírico, caricaturas de personagens conhecidas, representavam para o público uma “revista viva”, que divertia e entretinha uma sociedade predominantemente analfabeta e, amiúde, dava expressão ao seu estado de ânimo, sua reverência ou ressentimentos.

Tinham nelas um lugar proeminente as indumentárias de outras nações, em especial dos turcos que consistiam então em uma séria ameaça para a Europa, e apenas as vestimentas que representavam as tribos indígenas causavam igual expectativa.

“No fue infrecuente que estos espectáculos dieran alas a sátiras de tal crudeza y vulgaridad que podrían haber ofendido a las autoridades; pero la acostumbrada tolerancia de éstas revela una libertad de expresión y una ausencia de censura que apenas hubiéramos sospechado en aquella sociedad barroca”.¹⁹

A participação na festa não diluía as fortes diferenças entre os grupos que compunham a sociedade colonial: se todos podiam participar faziam-no diferenciadamente. Os cavaleiros nobres deleitavam-se em exhibir sua destreza com os cavalos e apareciam

¹⁹ LEONARD, Irving. *La época barroca en el México Colonial*. México: Fondo de Cultura Económica, 1990, p. 177.

ricamente paramentados em magníficos animais ostentando luxuosos arreios. Mercadores e ricos *tenderos* luziam suas melhores roupas e as confrarias de artesãos muitas vezes organizavam atos especiais.

Os elementos mais humildes da sociedade também procuravam organizar seus próprios espetáculos: índios,²⁰ negros, mulatos e mestiços em geral desfilavam em suas próprias máscaras, assim como as crianças e, mesmo as mulheres.

Firmemente identificados ao gosto popular, as *máscaras* iniciaram sua aparição muito prematuramente no México colonial, havendo registro de pedido de licença para encená-las desde 1539. Em 1565 o filho de Hernán Cortéz tomou parte em um espetáculo que procurou, com riqueza de detalhes, reencenar a conquista de *Tenochtitlan* por seu pai, tal como ocorrera menos de meio século antes.

Esta forma de entretenimento público não esteve limitada à celebração de acontecimentos laicos, sendo que a aparente incongruência de mesclar o ridículo ao sério durante as festas religiosas não parecia desconcertar aos contemporâneos. Com o avançar do século, as mascaradas passaram a ocorrer com frequência crescente e importando em gastos também sempre maiores; era comum que as autoridades vice-reinais acorressem às corporações mais ricas para o seu financiamento.

A música e o baile eram imprescindíveis nestas festas, alcançando tal importância, que tinham entidade própria, divertindo homens e mulheres tanto nos dias assinalados como festivos, como ainda convertendo-se em elemento lúdico que independia de datas estabelecidas pelas autoridades.

O dia principal da festa iniciava com novas salvas e toques dos sinos acordando a população, seguidos da missa solene para a qual as comitivas, secular e civil, dirigiam-se escoltadas.

O ofício religioso era dirigido pela maior autoridade religiosa, e o sermão, mais que uma prática de tipo moral ou dogmática, glorificava a data religiosa que se estava a comemorar ou fazia o panegírico do monarca que se exaltava.

À tarde, renovavam-se os festejos, geralmente acompanhados de procissão com os objetos de culto desfilando pelas ruas. Novamente as cavalgadas, luminárias, fogos e salvas, juntamente com

²⁰ Em viagem pela América Espanhola o inglês Thomas Gage registrava em 1648 um desfile de canoas indígenas em Chiapas, simulando batalhas marítimas e representando Netuno e outras divindades clássicas. In: Leonard, op. cit., p. 181.

os bailes, completavam os festejos, muitas vezes até o raiar do novo dia. Também as corridas de touro, jogo de canas, batalhas entre mouros e cristãos, peças teatrais, entre outros, eram habituais.

Em linhas gerais, esta configuração é típica para qualquer das festas que se celebraram no Novo Mundo, aplicáveis a todas as localidades em que elas se verificavam, podendo variar em suntuosidade (conforme as possibilidades da cidade, vila ou povoação), mas não em estrutura.

No Novo Mundo as comemorações do centenário da Companhia de Jesus, por exemplo, permitem vislumbrar a pompa com que se revestiam tais oportunidades, mesmo numa região marginal do Império,

Em Córdoba o evento foi marcado por “repetidos piques de campanas, vistoso aderezo del altar, víspiras y procesión solemne por las calles con el aparato que permite la cortedad de la tierra; misa cantada y sermón que predicó para autorizar más la fiesta el Sr. Obispo de Tucumán [...]”.²¹

Os festejos envolveram a queima de fogos e representações de autos teatrais:

“Represetándose su vida [de Santo Inácio] desde el balazo de Pamplona hasta velar sus armas en Monserat; después salieron las diez Sibilas a profetizarle lo restante de su vida, hasta que llegó a ser fundador de la Compañía de Jesús en Roma, y padre de un siglo futuro.”²²

Desfile de carros alegóricos provocavam, numa linguagem de símbolos, a exaltação ufanista e triunfalista da Fé e do Império, “[...] una hidra de 7 cabezas, y un gigante que representaba la heresia, a quien abrazó un cohete que salió de la mano de nuestro Padre San Ignacio que con estandarte en ella y aneto suelto al viento, estaba sobre una columna que se eligió [...]”.²³

Em Buenos Aires os festejos duraram nada menos que cinco dias, igualmente marcados não só por procissões e celebrações litúrgicas, como também pelo desfile de carros triunfais (“el uno en forma de nave, y de castillo el otro...”), de músicos e cavaleiros.²⁴ A celebração de uma memória guerreira e triunfante ancora-

²¹ MAEDER, Ernesto (ed.). *Cartas Anuas de la Provincia Jesuítica del Paraguay (1641-1643)*. Resistencia/Chaco: Documentos de Geohistoria, 1996, p. 136.

²² Id., *ibid.*, p. 136.

²³ Id., *ibid.*, p. 137.

²⁴ Id., *ibid.*, p. 137.

va-se no arquétipo da luta entre paganismo e cristianismo, do bem contra o mal.

A duração dos festejos dependia da natureza da comemoração. Santiago, padroeiro da Espanha ou o titular de cada localidade, começaram sendo festejados na véspera e no dia da festa propriamente dita, datas que se estenderam para, em meados do XVIII, alcançarem uma semana.

“En caso de que las fiestas se hubieron programado para varias fechas, [...] las autoridades, de común acuerdo con los distintos estamentos de la localidad, establecían un plan con la finalidad de que cada uno de los grupos organizara los festejos que se habían de realizar en cada una de las fechas prefijadas. [...]. Esta planificación por estamentos o clases sociales originó una verdadera competencia entre ellos. Cada uno pretendió, dentro de sus posibilidades y en no pocos casos excediéndose, llevar a cabo unos festejos lo más dignos posibles a fin de [...] superar [...] a los otros organizadores”.²⁵

A presença maciça da população era importante, sem o que seu objetivo didático estaria prejudicado. Não obstante, embora lhe coubesse inicialmente a condição de meros espectadores de encenações com fins bem definidos, a população encontrou, nos espaços de tempo não ocupados por atos oficiais, a oportunidade de divertir-se em bailes ou corridas de mascarados, em que, muitas vezes, não se poupavam oportunidades de zombar das autoridades que nos momentos solenes reverenciavam.

O minucioso trabalho de López Cantos (1992), embora analisando detalhadamente os propósitos, tipos e momentos das festas e celebrações encontráveis, ao longo do período colonial, em território americano, não se detém de forma especial em algumas questões, a nosso ver, especialmente importantes.

A primeira delas diz respeito às manifestações de religiosidade típicas do mundo colonial, que encontram nas festas barrocas, uma forma privilegiada de expressão.

Hans-Jürgen Prien afirma que “la corporalidad del ser humano exige que toda la religiosidad humana quede mediada por signos, gestos símbolos que se condensan en el culto de las liturgias y se conectan com el mundo espiritual y la cultura de cada pueblo”.²⁶

²⁵ López Cantos, op. cit., p. 54.

²⁶ PRIEN, Hans-Jürgen. *La Historia del Cristianismo en America Latina*. Salamanca/São Leopoldo: Ediciones Síguene/Editora Sinodal, 1978, p. 283.

Peter Burke (1995) apontou bem os intentos da Reforma – Protestante e Católica – especialmente por parte das lideranças do movimento que estava nas mãos dos cultos, geralmente do clero, em reformar também, suprimindo, ou ao menos purificando-os, certos elementos da cultura e da religiosidade popular.

“Os reformadores objetavam particularmente contra certas formas de religião popular, como as peças de milagre ou mistérios, sermões populares e, acima de tudo, festas religiosas como os dias de santo e as peregrinações.”²⁷

Porém, aos protestos dos reformadores contra os abusos da religiosidade popular, Trento reagiu com a afirmação das procissões, da veneração dos santos, da oração pelas almas no Purgatório, como sinais distintivos da devoção católica, de forma que se acabou por restaurar elementos da religiosidade popular medieval.

Prien vê, como resultado final de Trento,

“una prescripción solemne de la dicotomía del culto católico: por un lado, el rígido formalismo de la religión oficial, con su precisa formulación del dogma [...], la fijación del culto en el Missale romanun impuesto obligatoriamente a todos los católicos latinos hasta los detalles tan nimios como la posición de los dedos durante la misa, luego la fijación del derecho canónico y de las estructuras administrativas; por otro, plena libertad para la devoción popular, el exceso sentimental y la comprensión supersticiosa de la devoción popular”.²⁸

As Índias, terra de missão, mereciam uma preocupação e um tratamento especial por parte da Igreja. Ao mesmo tempo em que se tinha que manter o dogma e a moral católica entre os espanhóis que haviam emigrado, havia que se catequizar a um imenso número de pagãos. Uma das armas mais eficazes à disposição foram então, as manifestações de culto externo, como as missas solenes, os sermões grandiloqüentes, as procissões, enfim, valendo-se das oportunidades em que se pudesse, até mesmo pelo fausto e esplendor, marcar a glória de Deus e de sua Igreja.

As disposições do Concílio de Trento foram elementos fundamentais da evangelização americana durante os dois primeiros séculos da colonização. “Essa evangelização, feita por pastores, e não por teólogos, trará à América as fórmulas populares da religiosidade próprias das cristandades ibéricas e que têm suas bases

²⁷ Burke, op. cit., p.232.

²⁸ Prien, op. cit., p. 283.

na religiosidade medieval. É por isso que na linha espiritual se acentuou o maravilhoso e o formal”²⁹. Trento reafirmou o valor das imagens, a importância da Virgem Maria, e das procissões, manifestações de religiosidade que se arraigaram em território americano.

Como a grande maioria da população não entendia a língua da missa – o latim – o ritual eclesiástico foi colocado em segundo plano em favor dos sacramentos. Em inúmeras oportunidades, o acessório – o sal do batismo, os fogos das festas religiosas, o arroz lançado aos noivos após a cerimônia do matrimônio, os anjos sobre os altares, – ocuparam o centro das atenções.

“En igual sentido [...] que la recepción de la ceniza en miércoles de ceniza, las palmas el domingo de ramos, o la bendición del agua el sábado santo adquieren mayor importancia que la participación en las misas vinculadas a todo ello.”³⁰

Os santos da Igreja e sua vida foram apresentados como modelos e testemunhos para os cristãos; as devoções marianas foram incentivadas e motivaram a criação de congregações e confrarias. Cidades e povoados levavam, muitas vezes, o nome do santo do dia da sua fundação e esperava-se que o mesmo agisse como advogado e defensor da comunidade em casos de pestes, catástrofes e perigos coletivos.

“[...] [devido à] gran nezesidad y falta de agua que esta tierra tiene por aber mucho tienpo que no lluebe que es causa de aber mucho daño en las sementeras y do futuro se aguarda mayor y para su remedio conbiene sde acuda con proçesiones y oraciones a pedir a Dios Nuestro Señor use de misericordia con todos los desta tierra y para ello sera neçesario se hagan algunas prozesciones a la iglesia y conbentos desta çuidad y traer a la Iglesia Mayor della a el bienaventurado San Martin su Patron para ponerlo ynterzesor hazien-dose un nobenario para que tenga efeto todos unanimes y conformes acordaron que [...] se hagan las dichas prozesciones y nobenarios haziendo que todas las personas desta çuidad se allen en ellas y las acompañen las ynsignias y estandartes delas confradias con la soledad y aplauso que se pudiere hazer [...]”³¹

A reunião do Cabildo de Buenos Aires de 18 de fevereiro de 1617 tratou de que “atento a la gran neçesidad en que esta la tierra

²⁹ BIDEGAÍN. *Ana María. História dos cristãos na América Latina*. Petrópolis: Vozes, 1993.

³⁰ Prien, op. cit., p. 284.

³¹ ACTAS DEL CABILDO DE BUENOS AIRES, *Cabildo del 3 de noviembre de 1614*, Libro II, Academia Nacional de la Historia, Buenos Aires, s.d., p. 115.

por la gran seca y falta de agua se trato se acuda a pedir a Dios nuestro señor con proçesiones misas y sufragios para que se sirva ynviarla y que se traiga la imagen de nuestra señora de la Merçed a la Iglesia mayor y se digan misas”.³²

Também contra as pragas a população contava com a intercessão dos santos, rogando-lhes por via de procissões e ofícios religiosos: “[...] se acordo que se celebre la fiesta de San Simon y Judas que se tomo por esta çiudad por abogado contra la plaga de hormigas y ratones y se diga la misa cantada como es de costumbre y proçesion al rededor de la Iglesia [...]”.³³

Em resposta a uma preocupação intensa com o pecado e com o rigoroso cumprimento dos mandamentos, as expressões de religiosidade acentuaram a importância das práticas penitenciais, como as procissões flagelantes e as mortificações.

Não era incomum o desfile de penitentes mortificando-se a fim de obter uma graça, ou mesmo o perdão da Igreja por algum ato que houvera causado arrependimento, como ilustram tão bem as procissões organizadas em vários lugares da Província do Paraguai em 1688, em busca de proteção contra os perigos que acometiam as populações:

“Con ocasión del lamentable estrago y ruina de la Ciudad de Lima, causado por un espantoso terremoto, q.e no dejo edificio en pie fue tal el temor q.e todas las Ciudades de estos Reynos concivieron q.e no sin grave fundamen.to persuadieron q.e Dios queria vengar sus agravios tambien en ellas de.q.e hubo algunos prenuncios pues fue fama constante q.e por averse echo Lima sorda a los avisos q.e del cielo tuvo por medio de algunos varones santos q.e la exortaban a penitencia, como a otra Ninive Jonas lloro su desgracia sepulotada en sus ruinas con mortandad de muchos q.e fue el mas eficaz sermon para que los que quedaron vivos estando antes tan muertos e insensibles a los avisos del cielo se animasen a la penitencia p.a aplacar la justa indigancion de Dios a cuya imitación escarmentaron todas las demas Ciudades, no en caveza agena, sino en su misma caveza por serlo Lima de todas ellas. Hizieron extraordinarias demonstraciones de publicas penitencias, rogacines, Procesiones de sangre y mortificaciones.”³⁴

³² Idem, *Cabildo del 13 de febrero de 1617*, op. cit., p. 414.

³³ Idem, *Cabildo del 9 de octubre de 1616*, op. cit., p. 374.

³⁴ Anuas de la Provincia del Paraguay desde el año de 1681 hasta el de 1692. In: *Cartas Anuas de la Compañia de Jesus de la Provincia del Paraguay desde el año de 1681 hasta el de 1692*, escritas por el R. P. Thomas Dombidos Provincial de la misma provincia a N. M. R. P. General Thyerso González en Copias Manuscritas, Sección Documental del Instituto Ravignani, Armario G., estante 1, carpeta 235, p. 3 e 4.

Na cidade de Córdoba de Tucumán, os cabildos eclesiástico e secular organizaram oito dias de procissões solenes, saindo do convento franciscano, entremeadas estas por exortações e prédicas religiosas e atos de contrições que a população seguia pelas ruas.

Na oitava noite, a procissão mais solene, presidida pelo governador da Província, desfilou em meio a cânticos religiosos e “conjurando al demonio de parte de Dios porq.e no impudiesse el bien de tantas almas”, enquanto a população, tomada de “extraordinaria mocion q. hubo deshaciendose en lagrimas y sollozos [...] pidiendo a voces a Dios misericordia” flagelava-se “hiriendo sus pechos [...] con terribles golpes [...]”³⁵

Assim, em sua raiz européia, esta religiosidade está marcada pelo pietismo e pelos componentes medievais de uma religiosidade milagreira e penitencial, expressos, muitas vezes, nas celebrações organizadas pela Igreja. No Novo Mundo, fomentou-se também este cristianismo marcado por rituais e pela exterioridade, ficando a meditação e a vida interior relegadas para as ordens religiosas e para algumas almas piedosas.

Segundo Prién (1978), a insistência dos missionários na liturgia latina e nos elementos congelados da religiosidade de um lado, e a introdução sob pressão do catolicismo romano como religião obrigatória na América de outro, conduziu a uma exteriorização da religiosidade oficial que, muitas vezes, escondeu sob uma aparência cristã, as formas religiosas tradicionais que sobreviveram secretamente.

Desde o começo da colonização, as festas religiosas tiveram um importante papel a cumprir neste modelo religioso do mundo colonial. A própria impossibilidade de uma participação mais plena nos cultos contribuiu para a importância das celebrações marginais de grande aceitação popular.

É o caso das procissões que permitiam uma maior participação, não apenas como uma forma eficiente de comunicação para com uma população iletrada, como ainda a partir da sensibilização possível de atingir-se nestas oportunidades, envolvendo diretamente os sentidos dos participantes/espectadores.

Para as populações indígenas, tais festividades eram também um excelente recurso de atração, inclusive a partir de aspectos que

³⁵ Anuas de la Provincia del Paraguay desde el año de 1681 hasta el de 1692. *Cartas Anuas de la Compañía de Jesus de la Provincia del Paraguay desde el año de 1681 hasta el de 1692*, op. cit., p. 5 e 6.

de certa forma integravam a elas alguns elementos das tradições indígenas.

Nas cidades, as diversas congregações e associações leigas participavam da responsabilidade de preparar antecipadamente as festas que se transformavam em grandes acontecimentos a movimentar o cotidiano. Os gastos consideráveis que envolviam eram, muitas vezes, realizados com as doações em jóias e dinheiro feitas pelos congregantes mais ricos.

A rigidez e austeridade das cerimônias eram rompidas pelos elementos lúdicos que também compunham a festa: ocasião de sair à rua, galantear, atentar para o pregão dos comerciantes que se aproveitavam da presença de inúmeros transeuntes, muitas vezes mesmo seguindo os ambulantes as próprias procissões.

As igrejas eram não apenas o centro da vida religiosa das comunidades, mas também o centro por excelência da vida social: nos átrios eram realizadas tanto as cerimônias religiosas e festivas, quanto as oficiais ou governamentais.

As principais festas reais ou “*súbitas*”, que não foram privatizadas das grandes cidades, senão que, como já afirmamos, ocorriam em qualquer núcleo urbano das Índias, davam-se por ocasião da elevação ao trono dos monarcas espanhóis, bodas, nascimento de infantes, feiras, chegada de autoridades ou navios provenientes da metrópole, além do carnaval, dos jogos taurinos e cavalheirescos e justas entre mouros e cristãos.

Os dias de preceito ao ano chegavam a 52³⁶, sem contar os domingos, as vésperas das festividades ou os dias em que se prolongavam algumas festas. Há que se considerar ainda, aquelas que surgiam de improviso, como as que celebravam beatificações ou canonizações, chegada de autoridades civis ou eclesiásticas, consagração de templos, fundação de conventos, etc.

“Por todo esto se puede afirmar con una margen de error muy pequeño que, por término medio, uno de cada tres días era feriado, y que la mayor parte de ellos tenían su origen en la Iglesia.”³⁷

A própria vida social da colônia desenvolvia-se ao longo do ano dentro de um ritmo de referências marcadas pela liturgia. Elegendo momentos maiores do calendário litúrgico e tornando-os festivos, fomentando a exteriorização da fé que encontrava neles a oportunidade por excelência para manifestar-se, a Igreja valeu-se

³⁶ Segundo López Cantos, op. cit., p. 81.

³⁷ López Cantos, op. cit., p. 81.

das festas para aproximar-se, publicizar sua autoridade e divulgar sua mensagem junto a todos os setores da população da colônia, incluindo aí os grupos indígenas.

López Cantos (1992) definiu as festas na América Colonial como “elementos integradores da população” e, nas *Relaciones* que analisou, encontrou evidências de que os índios dos povoados próximos também acorriam com suas famílias às cidades em festa, e, pouco a pouco, integravam-se, a partir destes momentos, ao complexo mundo urbano.³⁸

Por sua vez, Waldemar Smith (1981), vê no “sistema de festas” imposto pelos espanhóis, uma das bases da própria reorganização social das regiões indígenas, tendo contribuído para fragmentá-las em povoados autônomos, incorporando-os desta forma, ao Estado Colonial.

Segundo ele, indo, em certo aspecto, ao encontro das tradições indígenas, sobretudo as rituais, a dominação colonial estabeleceu com elas uma relação simbiótica que, ao mesmo tempo em que assegurava aos índios satisfações de índole pessoal, estimulava a crença religiosa, além de uma competitividade social inócua, criando lideranças e organizações estritamente locais e fazendo os povoados indígenas individualizarem-se e desagregarem-se, além de reafirmarem a sua dependência para com os padres e administradores.

Ademais permitiu-lhe extrair recursos (venda de círios, fogos e outros artigos consumidos nas festas), controlar a mão-de-obra e dividir a população em aldeamentos frágeis e dependentes.

Assim, enquanto os modelos sociais indígenas, especialmente nas sociedades simples, não tinham na base o propósito de acumulação ou baseavam-se na desigualdade que esta fomentava, as festas introduzidas pela colônia, não apenas não promoviam mais os mesmos propósitos, como ainda contribuíam para o empobrecimento e a dependência das comunidades.

Desta forma, se as festas das aldeias indígenas faziam parte de um jogo equilibrado entre os interesses colonialistas e o dos ameríndios, ao final, este “sistema” acabou sendo politicamente útil ao Estado, reforçando o “status quo” colonial ao contribuir para a desorganização relativa da sociedade indígena.

Mais ainda, dentro do amplo espectro compreendido pelo intento da Coroa em “civilizar e humanizar” os nativos americanos, celebrações em honra aos novos poderes, do Estado e da Igreja

³⁸ Idem, op. cit., p. 42-46.

substituíram os antigos “festins pagãos” e, juntamente com o teatro, assumem o papel de importante recurso pedagógico para facilitar o ensinamento e a introjeção da doutrina e dos valores cristãos.